

## **Resiliência das Feiras Livres frente à Expansão do Varejo de Massa: uma análise crítica sob a perspectiva de Milton Santos**

*Resilience of Street Markets in the Face of Mass Retail Expansion: A Critical Analysis from the Perspective of Milton Santos*

*Resiliencia de los mercados callejeros ante la expansión del comercio minorista masivo: un análisis crítico desde la perspectiva de Milton Santos*

SILVA, Carolina; Mestranda em Projeto, Tecnologia e Ambiente: processos e produção pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU)  
[carolina.bernardes@ufu.com.br](mailto:carolina.bernardes@ufu.com.br)

SILVA, Gabriela; Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG).  
[gabrielabernardes@outlook.com](mailto:gabrielabernardes@outlook.com)

### **Resumo**

Este artigo analisa a resiliência das feiras livres diante da expansão territorial e econômica das grandes redes de supermercados no Brasil, à luz da teoria de Milton Santos sobre o uso do território. Argumenta-se que as feiras representam não apenas um modelo alternativo de comercialização, mas também espaços de sociabilidade, memória e cultura, baseados em relações de confiança e práticas locais. Em contraste com a lógica do capital que rege os supermercados, que é impessoal, padronizada e centralizadora, as feiras operam segundo a lógica do lugar, preservando formas de consumo e organização territorial enraizadas. A análise fundamenta-se em revisão bibliográfica e documental, relacionando conceitos como espaço banal, espaço hegemônico e território vivido. O estudo revela que as feiras livres, embora pressionadas pela hegemonia varejista, mantêm-se como territórios de resistência simbólica, econômica e cultural, oferecendo uma crítica prática e sensível à homogeneização dos espaços urbanos de consumo.

**Palavras-chaves:** Consumo; Supermercados; Feiras Livres.

### **Abstract**

*This article analyzes the resilience of street markets in the face of the territorial and economic expansion of large supermarket chains in Brazil, in light of Milton Santos' theory on the use of territory. It is argued that street markets represent not only an alternative model of commercialization, but also spaces of sociability, memory, and culture, grounded in trust-based relationships and local practices. In contrast to the logic of capital that governs supermarkets, which is impersonal, standardized, and centralizing, street markets operate according to the logic of place, preserving rooted forms of consumption and territorial organization. The analysis is based on bibliographic and documentary review, linking concepts such as banal space,*

*hegemonic space, and lived territory. The study reveals that, although pressured by retail hegemony, street markets remain as territories of symbolic, economic, and cultural resistance, offering a practical and sensitive critique of the homogenization of urban consumption spaces.*

**Keywords:** Consumption; Supermarkets; Street Markets.

## **Resumen**

*Este artículo analiza la resiliencia de las ferias libres frente a la expansión territorial y económica de las grandes cadenas de supermercados en Brasil, a la luz de la teoría de Milton Santos sobre el uso del territorio. Se argumenta que las ferias representan no solo un modelo alternativo de comercialización, sino también espacios de sociabilidad, memoria y cultura, basados en relaciones de confianza y prácticas locales. En contraste con la lógica del capital que rige los supermercados, que es impersonal, estandarizada y centralizadora, las ferias operan según la lógica del lugar, preservando formas de consumo y organización territorial arraigadas. El análisis se fundamenta en una revisión bibliográfica y documental, relacionando conceptos como espacio banal, espacio hegemónico y territorio vivido. El estudio revela que las ferias libres, aunque presionadas por la hegemonía del comercio minorista, se mantienen como territorios de resistencia simbólica, económica y cultural, ofreciendo una crítica práctica y sensible a la homogeneización de los espacios urbanos de consumo.*

**Palabras claves:** Consumo; Supermercados; Ferias libres.

## 1. Introdução

Frente ao crescimento dos grandes centros de varejo, as feiras livres se encontram em estado de resiliência: um local alternativo para socialização e consumo, um território de resistência cultural e econômica contra a uniformização das grandes redes. Este tipo de comércio ultrapassa a questão econômica, desafiando a lógica do consumo massificado e impessoal.

Nota-se que o setor de supermercados no Brasil tem expandido sua presença territorial e econômica, com aumento do número de lojas e um faturamento que representa mais de 7% do PIB nacional (ABRAS, 2024), com o setor de super e hipermercados em crescimento mesmo diante de desafios econômicos, o que evidencia sua consolidação no varejo nacional (SA+ VAREJO, 2024). Em contraposição aos grandes centros varejistas, existem as feiras livres, que funcionam como importantes espaços de sociabilidade e troca onde predominam relações de confiança entre produtores e consumidores, reforçando identidades locais e contribuindo para a qualidade percebida dos alimentos (Silva, Araújo e Soares, 2021).

Não obstante, a interação entre feirantes e consumidores nas feiras livres não se restringe à troca mercantil, mas implica negociação contínua de preferências e gostos que orientam práticas de produção e comercialização (Moura, 2020). Isso se opõe ao padrão impessoal, uniforme e higienista das grandes cadeias de varejo, visto que as feiras livres se estruturam com base em normas tácitas e relações de proximidade, se contrastando com os mecanismos impessoais dos mercados globais, preservando práticas culturais enraizadas no território (Araújo e Barbosa, 2019).

No entanto, consumir em uma feira pode ser uma experiência sensorial, afetiva, de reconhecimento mútuo, o que se perde no consumo nos mercados varejistas. Essa diferença pode ser explorada a partir de uma análise crítica com base nos estudos do autor Milton Santos, sobretudo em sua abordagem sobre o uso do território. Para Santos, o território não é apenas um suporte físico, mas também um conjunto de relações, práticas, memórias e usos, ou seja, um espaço vivido (Santos, 2002).

Dessa forma, este texto busca examinar a resistência das feiras livres no Brasil diante do crescimento das grandes redes de varejo, fundamentado na teoria de Milton Santos acerca da utilização do território. O objetivo do artigo é relacionar as linhas de Milton Santos quanto aos tópicos de: uso do território; espaço banal vs. espaço hegemônico; lugar como forma e conteúdo vividos; e lógica do lugar versus lógica do capital, com o pressuposto de que as feiras funcionam com base na lógica local, criando espaços alternativos para a sociabilidade, consumo e resistência cultural em contraposição à lógica do capital que impulsiona o crescimento uniforme, impessoal e centralizado das redes de super e hipermercados. O estudo fundamenta-se em revisão bibliográfica e análise documental, explorando implicações sociais, econômicas e territoriais desse embate.

## 2. Desenvolvimento

### **2.1 A lógica do capital e a expansão dos supermercados**

A expansão dos supermercados no Brasil pode ser entendida como um fenômeno territorial e econômico que reflete a consolidação de uma lógica capitalista,

centrada na padronização do consumo e no controle centralizado das cadeias de distribuição. O setor de super e hipermercados responde por uma fatia significativa da economia brasileira: segundo a Associação Brasileira de Supermercados (ABRAS, 2024), o setor representou cerca de 7,03% do Produto Interno Bruto (PIB) e registrou um faturamento de R\$ 695,7 bilhões em 2022.

Essa mesma pesquisa da ABRAS revela que o número de lojas em operação supera 94 mil unidades, com presença crescente não apenas em grandes centros urbanos, mas também em cidades médias e pequenas, revelando uma lógica de penetração territorial ampla e estratégica, sendo, inclusive, o autosserviço uma ferramenta de ampliação da capilaridade em todo o território brasileiro. Neste sentido, reconhecer o autosserviço como ferramenta de ampliação reflete a lógica dos lugares se especializarem, como aponta Milton Santos no livro “A Natureza do Espaço”, em que, neste contexto, os hiper e supermercados também se enquadram à uma exigência de competitividade sempre crescente.

Esse processo é parte de uma tendência global de racionalização dos circuitos de consumo, conforme observado por Santos (2008), que caracteriza o território hegemônico como aquele dominado por normas funcionais do capital, onde a técnica, a informação e o dinheiro são os vetores principais da organização espacial. Por definição, Santos aponta que:

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. [...] O espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade. SANTOS (2008), p. 63.

Em sua obra “O Espaço Dividido”, Milton Santos (2004) já apontava que as grandes lojas, tais como os supermercados e hipermercados representam um fenômeno de expansão nos países subdesenvolvidos e, nesse contexto, materializam um espaço homogêneo, repetível e impessoal, marcado por arquiteturas padronizadas (geralmente, galponizadas), experiências sensoriais controladas e rotinas de consumo previsíveis. Consequentemente, no caso destes supercomércios, é possível notar uma dinâmica de abastecimento com traços distintos de feiras livres, sendo a procedência dos produtos mais exterior à cidade e região, enquanto as feiras possuem fontes de abastecimento principalmente locais (Santos, 2004).

A lógica do capital que sustenta essa expansão se expressa em mecanismos como a centralização da compra em grandes centros de distribuição, o uso de tecnologias de controle de estoque em tempo real, campanhas de fidelização baseadas em dados de consumo e parcerias com grandes marcas globais. Esses elementos reduzem o papel do consumidor a uma função instrumental e por vezes, manipulado no circuito do capital: seu comportamento é monitorado, antecipado e induzido por estratégias de marketing e planejamento logístico.

Além disso, o avanço das redes varejistas impacta diretamente a organização do território urbano ao reconfigurar centralidades e fluxos. Como apontam Corrêa (1995) e Harvey (2005), esse processo está associado à transformação de espaços públicos em espaços de circulação e consumo, submetidos à lógica da rentabilidade e da eficiência. Como exemplo, é visto com recorrência a implantação de supermercados atacadistas às franjas do território de cidades, como visto na cidade de Araguari (MG) com os representantes “Mart Minas” e “Bahamas Mix”, padrão também percebido em

outras cidades médias no Triângulo Mineiro, como Patrocínio, Monte Carmelo e Itumbiara. A implantação dos supermercados nas franjas das cidades promove a descentralização do comércio, geralmente mais fomentado em locais consolidados das cidades.

A alteração das centralidades e fluxos pode resultar na progressiva marginalização de formas tradicionais de comércio e na invisibilização de dinâmicas locais, como as feiras livres, que não se ajustam por completo aos padrões do capital global. Nesse sentido, a expansão dos supermercados é expressão concreta da lógica do capital no território: funcionaliza o espaço urbano, homogeneiza experiências, submete o consumo à racionalidade econômica e desestrutura práticas de mercado baseadas em vínculos sociais. Essa dinâmica constitui o pano de fundo para a emergência das feiras livres como espaços dinâmicos de resistência, o que será discutido no tópico seguinte.

## **2.2 As feiras livres como espaços de resistência**

Enquanto os supermercados se expandem sob uma lógica de descentralização do território ao contraste de uma padronização e controle do consumo, as feiras livres persistem como formas alternativas de organização do comércio e do espaço urbano, operando sob dinâmicas sociais enraizadas no território. Seu funcionamento revela uma racionalidade distinta, que é a própria lógica do lugar, baseada em relações interpessoais, normas tácitas, trocas simbólicas e práticas culturais locais. Nessa perspectiva, as feiras não são apenas mercados de alimentos, mas territórios vividos que resistem à homogeneização imposta pelo capital.

Segundo Silva (2019), as feiras livres são locais em que os produtores familiares se encontram, as utilizando como espaço para a venda de seus produtos, nem sempre comercializam apenas o que produzem em sua região ou própria terra. Em sua tese, a autora também percebe a importância da mulher como papel intrínseco nas feiras livres, atuando não apenas como mantenedoras dos lares rurais, mas também com participação ativa na própria comercialização.

Não obstante, as feiras livres promovem formas de sociabilidade baseadas na confiança mútua entre feirantes e consumidores. Como mostram estudos de Santana, et al. (2016) e Costa e Santos (2015), essa relação ultrapassa a dimensão econômica e se apoia em vínculos construídos ao longo do tempo, que envolvem reconhecimento, afeto e reciprocidade. O consumidor que frequenta uma feira não apenas escolhe produtos, mas interage, negocia, compartilha informações e conseqüentemente, constrói vínculos. Essa densidade relacional contrasta fortemente com a experiência impessoal do consumo em supermercados.

Outro aspecto central é a experiência sensorial. O ambiente das feiras livres é marcado por cores, sons, cheiros e texturas que ativam a memória e os afetos. Trata-se de uma ambiência viva e dinâmica, que reforça a ideia do espaço uno e múltiplo, sendo o espaço a própria sociedade e também paisagem, conforme proposto por Santos (1926-2001) em “A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção”. Essa ambiência não é acidental, mas sim um resultado direto da interação social entre produtores, comerciantes e consumidores, que co-produzem o espaço a partir de suas práticas cotidianas. Nesse sentido, a feira configura-se como lugar, no sentido forte do termo: um recorte do território dotado de identidade, história e significado.

Além disso, as práticas comerciais nas feiras são regidas por normas informais, como a flexibilização de preços, com possibilidades de pagamento distintas como

parcelamento “na confiança” ou por troca, além da reserva de produtos personalizados, que escapam à lógica de eficiência racional e controle numérico dominante nos mercados corporativos. Infere-se que essa informalidade não é sinal de desorganização, mas de uma racionalidade própria, situada e sensível às necessidades locais, visto o pensamento de que estar envolvido no mundo competitivo leva ao aprofundamento das novas relações técnicas e das novas relações capitalistas (Santos, 2008).

As feiras livres também se mostram como espaços de resistência cultural. Muitas mantêm práticas ligadas à agricultura familiar, ao uso de sementes crioulas e ao manejo agroecológico, o que ultrapassa a agregação de valor, mas também caracteriza uma comercialização ancorada em valores de sustentabilidade e justiça social (Chies, 2024). Os saberes empíricos passados de geração em geração dos modos de fazer produtos artesanais, como queijos, quitandas, temperos e outros, que podem ser encontrados em feiras livres, reforçam a resistência cultural, visto que o que está em disputa não é apenas a disputa capital, mas o próprio modo de permanência de uma história local, com suas respectivas tradições familiares, sociais e culturalismos regionais.

Dessa forma, as feiras livres são mais que mercados alternativos: elas constituem territórios contra-hegemônicos, onde se expressam formas não capitalistas de produção, fundadas na troca e convivência. Sua existência desafia a lógica do capital ao propor uma lógica do lugar: uma abstração enraizada no território, sustentada por práticas sociais que resistem à racionalidade funcional promovida pelas redes varejistas.

### **2.3 A teoria de Milton Santos como lente analítica**

A resistência das feiras livres diante da expansão dos supermercados pode ser interpretada a partir da oposição entre a lógica do capital e a lógica do lugar. Milton Santos (2011, p. 47) afirma que a competitividade que caracteriza os tempos atuais marca comportamentos individualistas e que desrespeitam às pessoas. O reflexo dessa ideia é notado com a expansão das grandes redes supermercadistas, que alteram os fluxos da cidade, descentralizam as dinâmicas locais e oferecem experiências padronizadas. Em contraposição a isso, as feiras livres podem ser entendidas como o próprio espaço (este que, como Santos apresenta, por si só é a própria sociedade), vivido, sensível e apropriado pela experiência local.

A lógica do capital, ao contrário, opera pela homogeneização da técnica, padronizando formas de consumo e organização do espaço urbano. Segundo Milton Santos, na obra “Técnica, Espaço, Tempo”, é praticamente inexistente um local (dada as condições da economia atual) em que todo consumo local seja provido por uma produção local e vice versa (Santos, 2013, p.61). Essa homogeneização impõe dinâmicas funcionais exógenas, o que por sua vez possui um potencial de fragmentação do território, reduzindo usos singulares.

Segundo Santos (1996), o território deve ser analisado a partir da tensão entre dois processos: a globalização, que promove a fragmentação funcional e a homogeneização de práticas, e as formas locais de uso do espaço, que resistem à lógica imposta de fora. A feira livre, nesse contexto, se insere como forma e conteúdo que contradizem o funcionamento impessoal do chamado meio técnico-científico-informacional, descrito por Santos (2008) como a base material da globalização contemporânea. Diante a isso, novamente as feiras livres se mostram como espaço

de resiliência, permanência e sobrevivência: atuam como agentes de preservação das formas locais de sociabilidade e comercialização, além de expressarem o conteúdo vivido do território: um espaço que é, simultaneamente, forma e prática social.

No livro "Espaço e sociedade" (1979), Santos enfatiza que as formas espaciais sempre correspondem a sistemas de ação e poder. O espaço banal, que abriga o cotidiano, não é neutro; ele é disputado entre diferentes racionalidades. Nesse sentido, as feiras livres operam como espaços de apropriação ativa por parte dos sujeitos sociais, expressando o que o autor denomina de "espaço usado": um espaço vivido, sentido, modificado continuamente pelas ações humanas (Santos, 1979).

Ainda nesta obra, o autor apresenta o conceito dos dois circuitos da economia urbana: o circuito superior, que trata-se de uma lógica de comércio formal, capitalizada e vinculado às redes globais, e o circuito inferior, que trata-se de uma lógica de comércio informal, local, baseado em saberes tradicionais e formas flexíveis de organização (Santos, 1979. p. 133). As feiras se inscrevem de modo evidente nesse circuito inferior, mas não como uma estrutura arcaica ou atrasada, mas são formas adaptativas que se organizam em resposta às carências estruturais e às necessidades concretas da população. Elas demonstram racionalidade própria, distinta da lógica do capital, e isso as qualifica como práticas de resistência territorial.

No entanto, o circuito inferior da economia urbana, onde se inserem as feiras, coexiste e interage com o circuito superior, dominado por grandes corporações. Apesar da dinâmica de ambas existências e interação preservar certa autonomia relativa em termos culturais e operacionais, essa dualidade evidencia o espaço dividido e revela tensões entre racionalidades distintas que coexistem no mesmo território. Dessa forma, as feiras não apenas resistem à lógica dominante: elas a confrontam ao reafirmar uma organização territorial baseada em práticas cotidianas, vínculos sociais e memória coletiva. Trata-se, portanto, de uma apropriação tática do espaço contra a totalização promovida pelos mercados hegemônicos.

Ao tratar da globalização em sua obra "Por uma outra globalização" (2011), Milton Santos argumenta que o sistema hegemônico visa criar um "meio único", regido por um pensamento único e um consumo padronizado, através de campanhas de publicidade massivas, revelando a perversidade da globalização (Santos, 2011). As feiras, ao manterem práticas que envolvem negociação direta, variação de produtos, relações afetivas e organização flexível, representam a "lógica do lugar", que resiste à imposição da lógica do capital. Essa lógica do lugar é feita de saberes locais, experiências históricas e apropriações sensíveis do espaço.

A partir dos referenciais discutidos, observa-se que as feiras livres se inserem de forma exemplar no que Milton Santos denomina de lógica do lugar, operando dentro do circuito inferior da economia urbana e expressando usos do território pautados por vínculos sociais, saberes locais e práticas culturais. Em contraposição, os supermercados integram o circuito superior, estruturado por fluxos técnicos, financeiros e logísticos que reforçam a homogeneização espacial. Essa dualidade territorial, conforme analisada por Santos, não representa apenas uma oposição econômica, mas uma disputa de racionalidades sobre o uso do espaço. Com base nesse quadro teórico, o próximo tópico explora evidências documentais e empíricas que demonstram como as feiras livres resistem, adaptam-se e reconfiguram seus modos de funcionamento, reafirmando o lugar como expressão viva de sociabilidade e memória diante da lógica impessoal do capital.

### **3. Apresentação dos Resultados: Uma Reflexão Analítica**

Este último segmento dá continuidade às reflexões teóricas dos tópicos anteriores, aprofundando a compreensão das feiras livres como manifestação concreta da lógica do lugar, por meio da apresentação de estudos previamente analisados em diversas regiões do Brasil. Se até agora se debateu a tensão entre a utilização do território orientada pela lógica técnica do capital e a utilização pautada pelas práticas sociais e culturais do dia a dia, agora busca-se demonstrar como essa contradição se concretiza nas dinâmicas reais das feiras.

#### **3.1 Evidências em feiras brasileiras**

Santana Silva, Oliveira Miranda e Castro Jr. (2016) descrevem a Feira de Acari como um território de sociabilidade popular, sendo este um exemplo de que as feiras livres são expressões socioeconômicas que dinamizam a cidade nos âmbitos espacial, econômico e cultural. O aspecto econômico é ampliado nas redes de sociabilidades, uma vez que a feira abrange diversas perspectivas e propósitos, desde a economia até a cultura, conforme a intenção dos que a frequentam, sendo este um reflexo da tradição urbana que persiste ao longo do tempo e da modernidade. Essa resistência simbólica articula-se com a rejeição à homogeneização do consumo e à lógica impessoal das grandes redes.

Gonçalves e Abdala (2013), apontam as maneiras de sociabilidade que permeiam o dia a dia das feiras-livres em Uberlândia-MG, através de observação no local e a etnografia. É visto que a feira se configura tal como o exemplo de Santana Silva, Oliveira Miranda e Castro Jr. (2016): um espaço de sociabilidade, mas que vai além: sob a perspectiva do antropólogo, permitem entender certos comportamentos e padrões de atitude. Um olhar mais atento revela que, em contraste com o anonimato dos clientes nos supermercados modernos e higienizados, as feiras destacam-se como um comércio informal focado na personalidade do atendimento, além de ser um local para diversos eventos da vida social.

O comportamento nas feiras livres pode ser visto como um comportamento tácito: entre os feirantes, existem cumprimentos por nome, familiaridade, e um entendimento mútuo que extrapola a transação mercantil (Gonçalves e Abdala, 2013). Este tipo de sociabilidade conforma a lógica do lugar de Santos, visto que o consumo, neste aspecto, se dá através de vínculos e trocas mediadas por reconhecimento, em oposição ao anonimato e padronização dos supermercados.

Silva et al. (2022) apontam os saberes matemáticos populares empregados nas práticas cotidianas da feira que são aplicadas na dinâmica econômica de comércio: contagem, negociação e medida empírica, além dos saberes transmitidos por tradição familiar e aplicados nas transações comerciais e na construção do valor. Esses saberes podem ser compreendidos em concordância com a lógica do circuito inferior da economia urbana descrita por Santos, em sua obra “Espaço e Sociedade”, de 1979. Não obstante, Silva et al. (2022) compreendem a Feira de São José de Piranhas-PB como um espaço em que seus protagonistas (os feirantes), constroem vínculos sociais e até afetivos, e vivenciam conhecimentos matemáticos formais e informais, muitos dos quais são transmitidos por seus familiares ancestrais.

Apesar das evidências já consolidadas de que feiras livres são espaços além do comércio e que promovem sociabilidade, Silva, Santos e Galizoni (2023) apontam que este tipo de estrutura sofreu fortes impactos causados pela pandemia: o estudo revela

que nas feiras livres no Vale do Jequitinhonha, após a pandemia COVID-19, observou-se uma mudança significativa no comportamento dos consumidores em relação às feiras. Os autores destacam que muitos consumidores deixaram de comprar produtos, reduziram a variedade de alimentos adquiridos ou passaram a optar por outros tipos de comércio para obter os alimentos que costumavam comprar na feira. Além disso, notou-se uma redução significativa na participação da feira no abastecimento urbano, o que indica perdas na soberania alimentar, exclusão de agricultores feirantes e diminuição do dinamismo econômico.

A resiliência das feiras livres também é apontada por Porto, Fermino e Carvalho (2023), em que há a constatação de que existe um uso contraditório do território entre o comércio do circuito inferior e o circuito superior, sendo uma das dimensões desse conflito manifestado na forma, no layout e na configuração material das lojas. Enquanto o circuito superior oferece existência de amplos estacionamentos e disposição interna setorizada de seus produtos, as feiras têm apresentado poucas mudanças em sua organização material e imaterial no último século, e os que vendem seus produtos no local o fazem em busca de sobrevivência e de seus parentes, ao passo que os donos dos supermercados buscam a mais-valia (Porto, Fermino e Carvalho, 2023).

#### **4. Considerações Finais**

A análise da resiliência das feiras livres frente à expansão dos super e hipermercados é possível à luz da teoria de Milton Santos, uma vez que, como visto na discussão deste artigo, as feiras livres constituem expressões da racionalidade territorial própria dos lugares, funcionando como territórios vividos que resistem à lógica homogeneizante do capital.

Ainda que enfraquecidas em diversos contextos, as feiras livres permanecem como espaços de resistência, revelando o embate entre a lógica do lugar e a lógica do capital. Essa resistência não ocorre fora do sistema, mas em suas frestas, articulando-se com o meio técnico-científico-informacional de forma tensa e desigual. Compreender as feiras livres a partir da geografia crítica de Milton Santos permite não apenas resgatar seu valor simbólico e econômico, mas também evidenciar os processos de fragmentação territorial impostos pela globalização e pelo consumo massificado.

Sem fins de generalização, infere-se que preservar as feiras livres implica reconhecer a importância dos territórios usados, bem como admitir sua existência como agente não apenas econômico, mas também cultural e social. Por fim, percebe-se a necessidade de avançar com estudos comparativos entre feiras de diferentes regiões e grupos sociais, bem como análise do impacto de intervenções públicas (como saneamento, regularizações e urbanização) sobre a dinâmica sensível desses territórios.

#### **Referências**

ABRAS. *Ranking ABRAS 2024: estudo retrata o desempenho dos supermercadistas brasileiros*. Associação Brasileira de Supermercados, 2024. Disponível em:

<https://www.abras.com.br/clipping/noticias-abras/116332/ranking-abras-2024-estudo-retrata-o-desempenho-dos-supermercadistas-brasileiros>. Acesso em: 14 maio 2025.

ARAÚJO, J. C. de; BARBOSA, L. G. Feiras alimentares e mercados territoriais: a estrutura e o funcionamento das instituições de ordenamento das trocas locais. **Revista Raízes**, v. 39, n. 2, p. 83–100, 2019. Disponível em: <https://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/769>. Acesso em: 14 maio 2025.

CHIES, J. J.; ANJOS, F. S. DOS. Ocupar, resistir e produzir: famílias assentadas e feiras agroecológicas na Região Metropolitana de Porto Alegre, RS, Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 62, n. 3, p. e283305, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/resr/a/7PnZsbvnsHVGGHyvWd7Tk7G/?lang=pt>. Acesso em: 25 set. 2024.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1995. Acesso em 22 de jul. de 2025. Disponível em: <https://reverbe.net/cidades/wp-content/uploads/2011/08/Oespaco-urbano.pdf>

COSTA, Maria Regiane da; SANTOS, Dionys Morais dos. Feiras livres: dinâmicas espaciais e relações de consumo. Geosaberes: **Revista de Estudos Geoeducacionais, Fortaleza**, v. 6, n. 3, p. 653-665, fev. 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5548158>. Acesso em: 25 set. 2024.

GONÇALVES, Alexandre Oviedo; ABDALA, Mônica Chaves. Na Banca Do ‘Seu’ Pedro É Tudo Mais Gostoso: Pessoaalidade E Sociabilidade Na Feira-Livre. **Ponto Urbe** [Online], 12 | 2013, posto online no dia 31 julho 2013, consultado o 23 julho 2025. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/528>; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.528>

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 2005. Acesso em 22 de jul de 2025. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/13623>

MOURA, D. C. de. **Feirante, consumidor e gosto: os circuitos de proximidade em feiras livres do Alto Jequitinhonha, MG**. 2020. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/41166>. Acesso em: 14 maio 2025.

PORTO, Gil Carlos Silveira; FERMINO, Leandro Henrique Cunha; CARVALHO, Isabella Oliveira de. USOS CONFLITANTES DO TERRITÓRIO: O CASO DAS FEIRAS LIVRES E LOJAS DE SUPERMERCADOS EM POUSO ALEGRE (MG).. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território - CONGEO. Anais...Sao Paulo(SP) USP, 2023**. Disponível em: [https://www.even3.com.br/anais/IVCONGEO/670343-USOS-CONFLITANTES-DO-TERRITORIO--O-CASO-DAS-FEIRAS-LIVRES-E-LOJAS-DE-SUPERMERCADOS-EM-POUSO-ALEGRE-\(MG\)](https://www.even3.com.br/anais/IVCONGEO/670343-USOS-CONFLITANTES-DO-TERRITORIO--O-CASO-DAS-FEIRAS-LIVRES-E-LOJAS-DE-SUPERMERCADOS-EM-POUSO-ALEGRE-(MG)). Acesso em: 24/07/2025

SA+ VAREJO. *Super e hipermercados cresceram 5,2% real em 2024*. **Ecosistema de Varejo**, 2024. Disponível em: <https://samaisvarejo.com.br/publicacoes/super-e-hipermercados-cresceram-52pct-real-em-2024>. Acesso em: 14 maio 2025.

SANTANA SILVA, Hellen Mabel; OLIVEIRA MIRANDA, Eduardo; CASTRO JUNIOR, Luis Vítor. Feira livre enquanto espaço de sociabilidade, trabalho e cultura: tramas e subjetividades na Feira de Acari. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, [S. l.], v. 11, n. 18, 2016. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/ccsa/article/view/2051>. Acesso em: 22 jul. 2025.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo**. Razão e emoção. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. 384 p. (Milton Santos (EDUSP), 1). Inclui bibliografia e índice. ISBN 9788531407130 (broch.).

SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade: ensaios**. Petrópolis: Vozes, 1979. 152p. : il.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2. ed São Paulo: EDUSP, 2004. 433 p., il., 22cm. (Milton Santos (EDUSP), 4). Bibliografia: p. 377-414. ISBN 8531408334.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 20. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. 174 p. ISBN 9788501058782 (broch.).

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. 174 p. (Milton Santos (EDUSP), 11). Inclui bibliografia. ISBN 9788531410499 (broch.).

SANTOS, Milton. **TERRITÓRIO: globalização e fragmentação**. 3.ed São Paulo: Hucitec, 1996. 332p. (Geografia : teoria e realidade). Inclui bibliografia. ISBN 8527102730 (broch.).

SILVA, Gabriela Bernardes. A MULHER E A RELAÇÃO CAMPO E CIDADE NA COMUNIDADE RIBEIRÃO NO MUNICÍPIO DE CATALÃO (GO). **Revista Territorial** (ISSN 2317-0360), v. 8, n. 1, p. 52-61, 2019. Acesso em: 23 jul. 2025.

SILVA, Loren Michelle Cardoso; SANTOS, Vitória Emanuely Souza; GALIZONI, Flávia Maria. Feiras livres, pandemia e hábitos alimentares: um estudo de caso em Medina, Vale do Jequitinhonha mineiro. **VI ENCONTRO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NO NORTE DE MINAS – 14 A 16 DE AGOSTO DE 2023**. DEPARTAMENTO DE POLÍTICA E CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIMONTES/MG. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/77462>. Acesso em: 23 jul. 2025.

SILVA, T. C.; ARAÚJO, R. S.; SOARES, A. A. Comprando qualidade: costume, gosto e reciprocidade nas feiras livres do Vale do Jequitinhonha. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 59, n. 3, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/resr/a/CYdJ3VwDWCz3FXbTdHCWb6H>. Acesso em: 14 maio 2025.

SILVA, V. R. da; CRUZ, A. P.; VIDAL, F. A. A FEIRA LIVRE COMO LUGAR DE CONHECIMENTO MATEMÁTICO SOCIOCULTURAL: Um estudo de caso sobre a Feira Livre de São José de Piranhas - PB. **Revista de História da Educação Matemática**, [S. l.], v. 8, p. 1–23, 2022. Disponível em: <https://histemat.com.br/index.php/HISTEMAT/article/view/518>. Acesso em: 23 jul. 2025.